

## MEMÓRIA E FOCO NAS CINZAS DO NORTE

Sylvia Telarolli (FCL Araraquara/UNESP)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pretende-se desenvolver análise do livro *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum, explorando as relações entre focalização e memória. Nesse romance alterna-se à voz dominante de um narrador testemunha a voz testemunhal de um narrador autodiegético, para iluminar os caminhos da memória, dirigida à busca das origens, tema sempre presente na ficção do autor. O modo como, pelo jogo com o foco narrativo, se entrelaça o resgate da memória individual fundida à da coletividade, é também objeto desta leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira; Milton Hatoum; memória; foco narrativo; Cinzas do Norte.

“Este é o lugar social da literatura: uma maneira enviesada ou indireta de conhecimento do mundo, de nós mesmos e do Outro.” (HATOUM, 2002/2003, p.68).

Milton Hatoum tem publicados até hoje três romances, **Relato de um certo Oriente** (1989), **Dois irmãos** (2000) e **Cinzas do norte** (2005); o espaço de tempo que separa as três publicações evidencia o cuidado e o perfeccionismo, confirmados pelo próprio escritor quando informa reescrever seus textos inúmeras vezes (Hatoum afirma ter reescrito 23 vezes o romance **Dois irmãos**). A recepção bastante favorável da crítica à produção de Hatoum corrobora a qualidade literária que até mesmo uma leitura ingênua pode constatar. Sem sombra de dúvidas Milton Hatoum é hoje um dos melhores escritores que temos, portador de erudição consistente, expressa numa escrita refinada.

Curiosamente, o projeto do autor não parece apoiar-se na prática de inovações experimentais ou mesmo em um estilo de tom mais contemporâneo; na verdade, a poética hatouniana dá sequência a uma certa tradição: o próprio autor assume a busca da depuração de um realismo de tom flaubertiano, um realismo intimista, que toca nas profundezas da nossa subjetividade e permite aproximá-lo, por exemplo, ao estilo de Raduan Nassar em **Lavoura arcaica** (1975), especialmente nos dois primeiros romances. Nesses textos, Hatoum focaliza aspectos da vida dos descendentes de imigrantes árabes em Manaus e apresenta uma ficção que não é “realista ao pé da letra” (GALVÃO, 2005, p.75), pois busca extrair a essência da experiência coletiva expressa no percurso das individualidades, portanto, “na experiência pessoal reverbera a experiência coletiva”. (ALBUQUERQUE, 2006, p.139). Luiz Costa Lima, referindo-se ao **Relato de um certo Oriente**, identifica uma “marca proustiana” no texto, que “se prolonga em um braço evidente de acusação política” (LIMA, 2002, p. 315); esse casamento entre intimismo, memória e sensibilidade política certamente se encontra nos outros dois romances do escritor, especialmente em **Cinzas do Norte**.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Literatura. Rodovia Araraquara - Jaú km 001, Quitandinha - Araraquara/SP. E-mail: syltela@uol.com.br

Em **Cinzas do Norte**, está ausente a temática da imigração libanesa, presente no **Relato** e em **Dois irmãos**, mas permanece o embate entre cosmopolitismo e provincianismo, localismo e universalismo, constante na produção do escritor; Manaus continua sendo cenário da trama, mas o último romance mostra a vida de uma família de perfil distinto das anteriores, pois explora com mais veemência

a obsedante atenção aos grupos familiares que vão se arruinando em meio ao projeto político militar para a Amazônia brasileira, em meio à mudança da ordem mundial que, a partir da década de 60, no Norte do Brasil, substitui definitivamente as empresas familiares por outro modelo econômico de que a Zona Franca e o Parque Industrial de Manaus são sinais (ALBUQUERQUE, 2006, p.125).

**Cinzas do norte** indicia os graves problemas que assolariam a cidade a partir dos fins da década de 60, quando a população aumenta muito, gerando sérios problemas urbanos, vislumbrados no romance, por exemplo, com a criação do condomínio *El Dorado*, invadindo a selva.; percebe-se assim, que

(...) a narrativa mostra que a cidade incha e se degrada cada vez mais, sem condições de absorver os milhares de novos habitantes, com a conseqüente perda irremediável de qualidade de vida de seus moradores. (FREIRE, 2006, p. 204).

**Cinzas do norte** é a mais amarga das narrativas de Hatoum; como o próprio título antecipa, é uma história de ruínas: da cidade, do país, da família, das vidas sem norte. O romance se passa na década de 60 e acompanha o percurso de Mundo, filho de família abastada, que se contrapõe aos valores e às aspirações do pai, Jano, rico proprietário, muito afinado com os interesses dos militares. Paralela à história de Mundo corre a vida de sua mãe, Alicia, e a de Lavo, amigo que acompanha os percalços do protagonista.

Também nesse terceiro romance, como nos dois primeiros, a trama se tece sob a condução de um narrador-testemunha, Lavo, órfão, menino pobre que mora com Ramira, a ressentida tia costureira e o tio Ran, tipo boêmio, mulherengo e excêntrico, contemporâneos de Jano e Alícia, pai e mãe de Mundo, eixo central da história.

A mãe era o refúgio de Mundo, mas havia outro, que descobri por acaso na tarde de um Sábado, quando fazia uma pesquisa para um trabalho de história. Eu observava o casario baixo e colorido do antigo bairro dos Tocos, na Aparecida. Mundo estava perto da igreja, diante de um gradil enferrujado que vedava o acesso a uma casa abandonada. O uniforme verde-amarelo dava um ar espalhafatoso ao corpo esguio; ele segurava uma pasta preta de couro, a mesma que usara na época do Pedro II. Curvou-se, pôs a mão entre as barras de ferro e ficou assim por uns segundos; quando se afastou, vi uma família de índios catando as moedas que jogara; moravam ali, entre o gradil e a fachada da casa em ruínas. (HATOUM, 2005, p. 39).

O fragmento mostra bem dois lados marcantes da vida do protagonista: o afeto intenso cultivado e correspondido pela mãe e o profundo sentimento de solidariedade pelos desvalidos, temas constantes que serão, esses últimos, dos quadros e instalações por ele produzidos e expostos.

As vidas dos tios pobres em várias situações cruzam-se com as vidas dos pais de Mundo, em circunstâncias diversas; a narrativa nesse último romance também se

enovela em um “coro de vozes”, como no **Relato de um certo Oriente**, mas sem a tonalidade lírica do primeiro romance: lembranças e impressões de Lavo, contemporâneo de Mundo desde os tempos da infância, elemento aglutinador da narração; lembranças e confissões de Ran, velho apaixonado de Alicia, com quem mantém um envolvimento tumultuado ao longo de quase toda a vida; recordações e insinuações de Ramira, invejosa da exuberância e da beleza da mãe do protagonista.

Em **Cinzas do Norte** há, portanto, um outro componente que auxilia na exposição de fatos, no desvendamento de dúvidas: paralela à voz do narrador homodiegético que acompanha a vida de Mundo e as transformações que ocorrem na Manaus dos anos 60 e 70, corre a voz de Ran, que assume posição autodiegética e narra em 1ª pessoa passagens da vida pregressa, a paixão desenfreada que desde a mais tenra juventude partilhou com Alicia; o tom é confessional, a feição é de um diário ou conjunto de cartas, mas sem datas ou referências mais precisas quanto à cronologia; a precisão, se há, está no desvendamento da intimidade, dos sentimentos dos apaixonados; as confissões do diário, impresso em capítulos escritos em itálico, seguem uma sequência particular, que não é a da narrativa da vida de Mundo, mas o curso da vida de sua mãe:

“Mais de um mês sem beijá-la, sem nem mesmo tocar em seu corpo. Não a via nos lugares dos nossos encontros, ela não respondia aos meus recados, se esquivava (...)” (HATOUM, 2005, p. 81).

As confissões e as revelações que trazem essas memórias orientadas pelos passos de Alicia são dirigidas a um leitor em especial, o seu filho:

A notícia do casamento da tua mãe atraiu jornalistas e fotógrafos para um lugar esquecido: o Jardim dos Barés. Eles chegaram de canoa e subiram o barranco por uma escadinha de madeira; outros vieram pela estrada de São Jorge até o quartel do Batalhão de Infantaria da Selva (...) (HATOUM, 2005, p. 111).

Alicia tem origem misteriosa, possivelmente mestiça de uma índia nativa chamada Ozélia, que só conhecia língua e costumes de seu povo e de um homem sem nome, alto, magro, de rosto e braços morenos; Mundo também tem origem incerta, a dúvida sobre a identidade de seu pai é interrogação que perpassa quase todo o andamento da história.

No capítulo derradeiro, o depoimento que encerra as **Cinzas do Norte** é a carta deixada por Mundo, entregue por Alicia ao narrador depois da morte do filho, contando seus últimos dias de agonia, as conversas finais com a mãe; na carta, às recordações de Mundo entremeiam-se sofridas confissões de sua mãe, sobre o segredo de sua origem. O tom da carta é confessional, o ritmo é entrecortado, cheio de reticências, as informações e pensamentos são fragmentados, obedecendo ao fluxo de consciência, as idéias se confundem, atrapalhadas pela dor, pela febre, pela doença.

(...) A mesma hesitação dos momentos mais decisivos de minha vida. Agora me arrepenho de ter lhe mostrado. Tarde demais para tudo... mas eu tinha de contar a alguém essa história... o fim de uma história antes do fim. A vida pelo avesso, Lavo... Ontem foi um dia escuro, sono e exaustão, dia de olhos fechados. Hoje acordei com pouca dor, vi o sorriso da enfermeira e lembrei de um pesadelo... mas não tenho tempo pra falar de sonhos. (HATOUM, 2005, p. 305).

Temos, portanto, no romance, três vozes cruzadas: a de Lavo, narrador homodiegético, que é dominante, a de tio Ran, no diário, a de Mundo, na carta final, além logicamente das recordações de Ramira e de outros personagens.

Cartas são fundamentais na reconstituição do passado empreendida nos romances de Hatoum, como bem nota Vera Lúcia Maquea em tese de doutorado defendida este ano (2007, pp. 235 a p. 241): cartas da narradora a serem enviadas ao irmão e que constituem o romance que é o **Relato de um certo Oriente**; cartas de Yakub a sua mãe, Zana e ao narrador de **Dois irmãos**; a carta de Mundo, que abre e fecha a narração de **Cinzas do Norte**. O romance inicia-se com as seguintes palavras

Li a carta de Mundo num bar do beco das Cancelas, onde encontrei refúgio contra o rebuliço do centro do Rio e as discussões sobre o destino do país. Uma carta sem data, escrita numa clínica de Copacabana, aos solavancos e com uma caligrafia miúda e trêmula que revelava a dor do meu amigo. (HATOUM, 2005, p. 9)

e encerra-se com a transcrição da mesma carta, concluída com amargas palavras “(...) Não posso mais falar nem escrever. Amigo...sou menos que uma voz...” (HATOUM, 2005, p. 311).

O que orienta a tessitura dos dois romances anteriores, e também de **Cinzas do Norte**, é a reconstituição da memória das personagens, memória individual, mas indissociada à da coletividade, do grupo a que pertencem; falar do destino pessoal é fatalmente falar do destino do grupo. A compreensão de si cobra a compreensão do outro. Sendo uma narrativa predominantemente de memórias, não há coincidência entre o tempo da história e o tempo da narração; a narração dá-se no presente e os eventos, no passado. Desse modo, tudo no texto converge para a rememoração: a reconstituição do passado, empreendida pelo narrador-testemunha (homodiegético); o relato apaixonado feito por tio Ran (autodiegético), a carta final de Mundo (autodiegética), que fecha o romance.

E na reconstituição do passado vão se desvendando os percalços de Mundo, da família, da Amazônia. Figura exemplar da indissociabilidade entre o individual e o coletivo é Alicia, mãe de Mundo, em cujo perfil se agregam os seus traços, como mulher, e características que podem ser encontradas na própria Amazônia, seu lugar de origem; de certo modo, Alicia personifica a Amazônia: é bela, exuberante, atraente, misteriosa; sua mãe é índia e só fala sua língua nativa, completamente avessa aos costumes urbanos; seu pai é um homem de rosto e braços morenos, que um dia desaparece e não volta, abandonando as filhas à própria sorte; Alicia é aventureira e graças a seus dotes naturais ascende socialmente e desfruta de prestígio e riqueza; ao final dos eventos narrados, em tempos da Zona Franca e decadência das famílias de proprietários, cai no alcoolismo e no jogo e, já viúva e sem o filho, vai perdendo o viço “a maquiagem não escondia o sofrimento, e os olhos estavam bem mais apagados, sem o ânimo da voz”. (HATOUM, 2005, p. 288). Vida marcada pela desgraça, assim como Manaus, segundo palavras de Lavo, o narrador, quando questionado por Naiá em visita ao Rio “E a nossa cidade? A gente só lê escândalos nos jornais daqui. Escândalos e desgraças”. “Cresceu com muita miséria.” (HATOUM, 2005, p. 287). “Triste fado o da cidade que traz o nome dos índios Manaus, da nação baré, do tronco Aruak, dizimados em fins do século XVIII ou começo do XIX.” (HATOUM, 2002/2003, p. 70).

Conforme afirma Luiz Costa Lima sobre Manaus, em análise de **Dois Irmãos**, “Estamos diante de uma cidade sem raízes, formada por estratos que se dissipam e desaparecem quase sem vestígios. Ambiência em que o tempo não forma história ou a história não contém densidade, pois a mudança desconhece estabilidade.” (LIMA, 2002, p. 318). É o ciclo da miséria que sempre retorna e se repete, como se a inexorabilidade

do destino trágico, inevitável, se irradiasse do campo individual para o coletivo e do coletivo para o individual, em pausado mas irreversível movimento pendular.

Nos três romances de Hatoum a condução da narrativa dá-se por narradores-testemunhas, que acompanham com certa proximidade os eventos, de que freqüentemente participam, mas não são por eles protagonizados; são, portanto, “os agregados, os enjeitados, os filhos de criação”, (ALBUQUERQUE, 2006, p. 128), enfim, figuras subalternas, que se mantêm a margem dos fatos narrados, o que favorece um distanciamento, conveniente à urdidura da rememoração, bem como, num país em que a “extensão da bastardia é imensa”, o autor, dando voz aos enjeitados, “faz surgir um Brasil silenciado” e “faz falar um lugar e um tempo para os quais a história oficial brasileira parece dar de ombros.” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 128) As narrativas revelam, assim, um misto de “exclusão e familiaridade” com relação aos dependentes, (ALBUQUERQUE, 2006, p.133), resquício da estrutura patriarcal e servil, vigente no Brasil por largo tempo. Dessa maneira, é possível pensar que “o jogo de aproximação e distanciamento no processo narrativo”, comum na narrativa da Hatoum, poderia corresponder às relações sociais estabelecidas, em que a classe dominante desenvolve um tratamento ambíguo aos agregados, ora de acolhida, ora de humilhação. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 131).

A busca da origem é tema que marca fortemente as três narrativas, busca que, sob as mais distintas feições, atormenta cada um de nós. Mas, ironia suprema, a busca que alimenta o andamento das histórias, revelado o segredo, se esvai na pequenez das revelações; nada do descoberto é tão surpreendente, inusitado ou importante assim. É o que comprova a carta de Mundo ao final, quando descobre ser filho de Arana, pintor que se rende à demanda do mercado e produz quadros sob encomenda, com paisagens exóticas, figuras pitorescas, tudo aquilo, enfim, que o filho renega até a morte.

É possível pensar, então, que o sentido da vida, sobre as cinzas que restam, está no exercício da palavra, quando o sujeito reconhece o fio de sua história-enquanto indivíduo, mas também como parte de uma coletividade - e consegue encontrar o timbre da voz que lhe cabe. Como afirma Hatoum em entrevista, em 2006, “Muitos leitores só vêem melancolia e amargura no desfecho dos romances, mas acho que há também uma saída, que passa pela possibilidade da escrita. (...)” (In. BARRETO et alii, 2006, p. 142).

A significação simbólica das cinzas também permite vislumbrar no romance um sentido que não se esgota apenas em sua negatividade, pois, se por um lado,

a cinza extrai seu simbolismo do fato de ser, por excelência, um valor residual: aquilo que resta após a extinção do fogo e, portanto, antropocentricamente, o cadáver, resíduo do corpo depois que nele se extinguiu o fogo da vida.

Espiritualmente falando, o valor desse resíduo é nulo. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p.247)

expressão da precariedade, por outro lado, “tudo aquilo que está associado à morte, liga-se, como ela, ao simbolismo do **eterno retorno**”, à possibilidade de germinação e ao “retorno cíclico da vida” (Idem, p.247,248). Não é absurdo, pensar, então, que sob os escombros e as ruínas das **Cinzas do Norte** lateja e germina a possibilidade da vida, por isso, o passado retorna e impõe-se como matéria a ser narrada, “pois só assim pode ser apreendida, renascer das cinzas, tal como a Fênix, adquirindo sentidos.” (FREIRE, 2006, p.218).

E a vida se constrói, se expressa e se preserva da morte e do esquecimento pela memória, pela linguagem, pela velha arte de envolver o ouvinte na magia das histórias

vividas e inventadas. A esse respeito é elucidativa a afirmação do próprio escritor “(...) Mas é a experiência da memória enquanto linguagem que me interessa.” (HATOUM, 2002/2003, p. 61).

Não é certamente gratuita a importância que em alguns momentos dos textos se atribui às outras formas de expressão artística: a fotografia de Emir, o suicida, feita por Dorner em **Relato de um certo Oriente** no momento exato em que este caminha para a morte, como se a foto pudesse postergar a morte por alguns momentos; os quadros e instalações feitos por Mundo, contestando a ordem vigente e a própria arte convencional ou a que se rende ao gosto do mecenato, como a de Arana, que inicialmente alimenta no menino o gosto pela contestação, para depois trair sua expectativa. A importância dada à arte - no último romance à pintura - reitera a crença de que para nós de alguma forma é possível a salvação ou a garantia da permanência, após o fim, pela linguagem.

“Aproximou-se [Alicia] de uma das pinturas, a do meio, sem ousar tocá-la: ‘Olha para isso, Lavo. Esse rosto de ancião diabólico não lembra meu marido? O focinho do cachorro parece um velho triste. Os dois se olhando no espelho. E esses panos rasgados, os sapatos com um monte de pregos... O que tu achas,? Isso é arte?’ Ficou ali imóvel, o copo vazio entre as mãos, talvez sem perceber que os sete quadros, com a história que o filho inventara, não apenas aludiam à vida e à morte do pai, mas traduziam a angústia de Mundo e eram o presságio de sua própria morte. (...) Eu ia jogar fora todos os quadros... teu tio não deixou: disse que seria a mesma coisa que matar Mundo. Senti remorso”. (HATOUM, 2005, p. 293, 294).

A atenção dispensada à arte, em distintas circunstâncias nos textos do escritor, debatendo seu papel e significado funcionaria, assim, “como uma autêntica metaficção ou poética” (FREIRE, 2006, p. 208).

Guardam essas memórias humanas histórias, lavradas com a dor; retalhos de vidas, mostrando a inexorabilidade de trágicos destinos, traçados sem contemplação; os caminhos pessoais delineiam uma memória afetiva, amalgamada aos caminhos da cidade, do país, campo da memória social, para mostrar que, diante do pouco que é possível fazer, resta à palavra ainda papel central, protagonista ela, sempre a lembrar, que a palavra impede que se abafe à história, pois de nós, dos outros, de cada um, “de tudo fica um pouco”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUQUERQUE, G. Um autor, várias vozes; identidade, alteridade e poder na narrativa de Milton Hatoum. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 28. Brasília, julho-dezembro de 2006, p. 125-140.

BARRETO, F et alii Entrevista com Milton Hatoum. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.28. Brasília, julho-dezembro, 2006, p.141-147.

BARRETO, R. e MELLO, J.A. Treze perguntas para Milton Hatoum. **Magma Revista**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, n.8, 2002/2003, p.55-72.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FREIRE, J.A. T. **Entre construções e ruínas**: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. 2006. Tese de doutorado PPG em Literatura Brasileira. FFLCH USP.

GALVÃO, W. N. **As musas sob assédio**: literatura e indústria cultural no Brasil. São Paulo: Editora do Senac, 2005.

HATOUM, M. **Relato de um certo oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Guimarães Rosa**: o diálogo difícil. In *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 5, n.10, 1º semestre de 2002, p. 393-397.

\_\_\_\_\_. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LIMA, L.C. **Intervenções**. São Paulo: EDUSP, 2002.

MAQUÊA, V.L. da R. **Memórias inventadas**: um estudo comparado entre *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum e *Um rio chamado Tempo*, uma casa chamada Terra, de Mia Couto. 2007. Tese de doutorado PPG na área de concentração: Estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH USP.

REIS, C. & LOPES, A. C. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.